

VOLTAIRE

Cândido,
ou o Otimismo

Introdução de
MICHEL WOOD

Notas de
THEO CUFFE

Tradução de
MÁRIO LARANJEIRA

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright desta edição © 2012 by Penguin-Companhia
Copyright da introdução © 2005 by Michael Wood

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Candide ou l'Optimisme

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Ana Maria Alvares

REVISÃO
Ana Maria Barbosa
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Voltaire, 1694-1778.

Cândido, ou, O otimismo / Voltaire; introdução de Michael Wood; notas de Theo Cuffe; tradução de Mário Laranjeira. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Título original: Candide ou l'Optimisme.

ISBN 978-85-63560-58-2

1. Romance francês 2. Sátira francesa. 3. Voltaire, François Marie Arouet de, 1694-1778 1. Wood, Michael. ii. Cuffe, Theo. iii. Laranjeira, Mário. iv. Título. v. Título: O otimismo.

12-12227

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução — Michael Wood	7
CÂNDIDO, OU O OTIMISMO	29
<i>Notas</i>	129
<i>Cronologia</i>	175

Cândido, ou o Otimismo¹

TRADUZIDO DO ALEMÃO DO SR. DR. RALPH²

COM AS ADIÇÕES³ QUE FORAM ENCONTRADAS
NO BOLSO DO DOUTOR QUANDO ESTE MORREU
EM MINDEN,⁴ NO ANO DA GRAÇA DE 1759

CAPÍTULO I

Como Cândido foi criado num lindo castelo, e como foi expulso dele

Havia na Westfália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem a quem a natureza tinha dado os mais suaves costumes. Sua fisionomia anunciava a sua alma. Tinha o juízo bastante reto, com a mente mais simples; era, creio, por essa razão que o chamavam de Cândido. Os antigos criados da casa suspeitavam que ele fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honesto fidalgo da vizinhança, a quem essa senhorita nunca quis desposar porque ele só conseguiu comprovar setenta e um quartos,¹ e porque o resto de sua árvore genealógica tinha se perdido pela injúria do tempo.

O barão era um dos senhores mais poderosos da Westfália, pois o seu castelo tinha uma porta e janelas. Sua grande sala era até ornamentada com tapeçarias. Todos os cães de seu terreiro compunham uma matilha, se necessário; os seus palafreiros eram os adestradores; o pároco da cidade era seu capelão-mor. Todos o chamavam de “meu senhor” e riam quando ele pilheriava.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinquenta libras, angariava com isso uma grande consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. Sua filha Cunegunda, de dezessete anos, era corada, fresca, gorda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss² era o oráculo da casa, e o pequeno

Cândido escutava as suas lições com toda a boa-fé de sua idade e de seu caráter.

Pangloss ensinava a metafísico-teológico-cosmoloni-gologia.³ Ele provava admiravelmente que não há efeito sem causa,⁴ e que, no melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos e a senhora, a melhor das baronesas possíveis.

“Está demonstrado”, dizia ele, “que as coisas não podem ser de outro jeito: pois tudo sendo feito para um fim, tudo é necessariamente para o melhor fim. Notem que os narizes foram feitos para carregar óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para usar calças, e nós temos calças. As pedras foram formadas para ser talhadas e para fazer castelos; assim meu senhor tem um belíssimo castelo; o maior barão da província deve ser o mais bem alojado; e os porcos sendo feitos para serem comidos, comemos porcos durante o ano todo; por conseguinte, aqueles que afirmaram que tudo está bem disseram uma bobagem; era preciso dizer que tudo está o melhor.”⁵

Cândido escutava atentamente, e acreditava inocentemente, pois ele achava a srta. Cunegunda extremamente bela, embora nunca tivesse tido a ousadia de dizer isso a ela. Concluía que, depois da felicidade de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade era ser a srta. Cunegunda; o terceiro, vê-la todos os dias; e o quarto, ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província e, conseqüentemente, de toda a Terra.

Um dia, Cunegunda, passeando perto do castelo, no bosquezinho a que chamavam *parque*, viu por entre o matagal o dr. Pangloss dando uma aula de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e muito dócil. Como a srta. Cunegunda tivesse muita disposição para as ciências, observou, sem sofrer, as experiências reiteradas de que foi testemunha; ela viu claramente a razão suficiente⁶ do doutor, os efeitos e as causas, e voltou muito agitada, toda pensativa, toda

cheia do desejo de ser sábia, imaginando que ela bem que podia ser a razão suficiente do jovem Cândido, que também ele podia ser a dela.

Ela encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e correu; Cândido também correu; ela lhe disse bom-dia com voz entrecortada, e Cândido falou com ela sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, ao saírem da mesa, Cunegunda e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegunda deixou cair o lenço; Cândido recolheu-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o rapaz beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda particular; as suas bocas se encontraram, os olhos se inflamaram, os joelhos tremeram, as mãos se apertaram. O senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou perto do biombo e, vendo aquela causa e aquele efeito, expulsou Cândido do castelo com grandes pontapés no traseiro; Cunegunda desmaiou; foi esbofeteadada pela senhora baronesa logo que voltou a si; e tudo ficou consternado no mais belo e mais agradável dos castelos possíveis.

CAPÍTULO 2

O que se tornou Cândido entre os búlgaros

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou por muito tempo sem saber por onde, chorando, erguendo os olhos para o céu, voltando-os com frequência para o mais belo dos castelos que encerrava a mais bela das baronesinhas; dormiu sem jantar no meio dos campos, entre dois sulcos; a neve caía em grandes flocos. Cândido, transido de frio, arrastou-se no dia seguinte rumo à cidade vizinha, que se chama Valdberghoff-trarbk-dikdorff,¹ sem dinheiro, morrendo de fome e de lassidão. Parou tristemente à porta de um cabaré. Dois homens vestidos de azul² o notaram: “Camarada”, disse um deles, “aí está um jovem

muito bem-apessoado e que tem o porte exigido”. Avançaram em direção a Cândido e lhe pediram que jantasse, com muita civilidade. “Meus senhores”, disse-lhes Cândido com uma modéstia encantadora, “fico muito honrado, mas não tenho com que pagar a minha parte.” “Ah! Meu senhor”, disse-lhe um dos azuis, “as pessoas de vosso porte e mérito nunca pagam nada: não tendes cinco pés e cinco polegadas de altura?” “Sim, senhores, é o meu porte”, disse ele, fazendo uma reverência. “Ah! Meu senhor, ponde-vos à mesa; não somente assumimos a despesa, mas nunca aceitaríamos que um homem como vós esteja sem dinheiro; os homens só são feitos para socorrer uns aos outros.” “Tendes razão”, disse Cândido, “é o que o senhor Pangloss sempre me disse, e bem vejo que tudo está pelo melhor.” Pedem-lhe que aceite alguns *écus*,³ ele aceita e quer fazer-lhes um comprovante da dívida; não querem nada disso, sentam-se à mesa: “Vós não amais com ternura?...”. “Oh! Sim”, respondeu ele, “amo com ternura a senhorita Cunegunda.” “Não”, disse um daqueles senhores, “estamos vos perguntando se não amais com ternura o rei dos búlgaros.”⁴ “Não, mesmo”, disse ele, “pois nunca o vi.” “Como! É o mais encantador de todos os reis, e temos de beber à sua saúde.” “Ah! Com muito gosto, meus senhores.” E ele bebe. “Basta”, dizem-lhe. “Eis que sois o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; vossa fortuna está feita e vossa glória está garantida.”⁵ Colocam-lhe imediatamente ferros nos pés e levam-no para o regimento. Fazem-no virar à direita, à esquerda, levantar a vareta,⁶ recolocar a vareta, mirar, atirar, dobrar o passo, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte ele faz o exercício um pouco menos mal, e recebe apenas vinte pancadas; dois dias depois só lhe deram dez, e ele passa a ser visto por seus camaradas como um prodígio.

Cândido, completamente estupefato, não distinguia muito bem ainda como é que ele era um herói. Um belo dia de primavera ele teve a ideia de ir passear, caminhando di-

reto para a frente, achando que era um privilégio da espécie humana, como da espécie animal, servir-se das pernas a seu bel-prazer. Mal andou duas léguas quando quatro outros heróis de seis pés o alcançam, amarram-no, levam-no para uma masmorra. Perguntaram-lhe juridicamente o que preferia: ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento, ou receber ao mesmo tempo doze balas de chumbo no cérebro. Por mais que ele dissesse que as vontades são livres⁷ e que não queria nem uma coisa nem outra, foi preciso fazer uma escolha; ele decidiu-se, em virtude do dom de Deus a que se chama *liberdade*, a passar trinta e seis vezes⁸ pelas varas; aguentou dois passeios. O regimento era composto de dois mil homens: isso lhe valeu quatro mil varadas que, desde a nuca até o cu, puseram-lhe à mostra os músculos e os nervos. Como iam proceder à terceira rodada, Cândido, não aguentando mais, pediu como graça que aceitassem ter a bondade de quebrar-lhe a cabeça; ele obteve tal favor; vedam-lhe os olhos, fazem-no ajoelhar-se. O rei dos búlgaros passa nesse momento, informa-se sobre o crime do paciente; e, como esse rei tinha um grande gênio, compreendeu, por tudo o que ouviu de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico, completamente ignorante das coisas deste mundo, e concedeu-lhe a sua graça com uma clemência que será louvada em todos os jornais e em todos os séculos.⁹ Um bom cirurgião curou Cândido em três semanas com os emolientes ensinados por Dioscórides.¹⁰ Já tinha um pouco de pele e podia andar quando o rei dos búlgaros travou batalha com o rei dos abares.

CAPÍTULO 3

*Como Cândido fugiu de entre os búlgaros,
e o que se tornou*

Nada era tão belo, tão lesto, tão brilhante, tão bem-ordenado quanto os dois exércitos. Os clarins, os pífaros,

os oboés, os tambores, os canhões, formavam uma harmonia tal como nunca houve no inferno.¹ Os canhões derrubaram de início cerca de seis mil homens de cada lado; em seguida a rajada de mosquetes tirou do melhor dos mundos por volta de dez mil malandros que lhe infectavam a superfície.² A baioneta também foi a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens.³ O total bem podia chegar a umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, escondeu-se o melhor que pôde durante aquela carnificina heroica.

Finalmente, enquanto ambos os reis faziam cantar o *Te Deum*⁴ cada um em seu campo, ele tomou o partido de ir arrazoar em outro lugar sobre efeitos e causas. Passou por cima de montes de mortos e de moribundos e chegou primeiro a uma aldeia vizinha; ela estava em cinzas: era uma aldeia abar que os búlgaros haviam queimado, segundo as leis do direito público.⁵ Aqui, anciãos crivados de tiros olhavam morrer as suas mulheres degoladas, que mantinham os filhos nas mamas ensanguentadas; ali, moças estripadas depois de terem saciado as necessidades naturais de alguns heróis exalavam o último suspiro; outras, meio queimadas, gritavam que terminassem de matá-las. Cérebros estavam espalhados pela terra, ao lado de braços e pernas amputados.⁶

Cândido fugiu o mais depressa que pôde para outra aldeia; ela pertencia aos búlgaros, e heróis abares haviam-na tratado da mesma forma.⁷ Cândido, sempre caminhando sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou enfim o teatro da guerra, carregando umas provisõezinhas em seu embornal e não esquecendo nunca a srta. Cunegunda. Faltaram-lhe provisões quando chegou à Holanda; mas tendo ouvido dizer que todo mundo era rico nesse país, e que o povo dali era cristão, não teve dúvidas de que o tratariam tão bem quanto o fora no castelo do senhor barão antes que de lá fosse expulso pelos belos olhos da srta. Cunegunda.